

A educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil: breves apontamentos

Vive-se um momento fecundo da História, marcado por profundas mudanças que trazem ao mesmo tempo, novas esperanças e temores à humanidade. As transformações em curso, que ocorrem em todas as esferas da vida social, atingem a educação em sua essência, colocando-lhe questões fundamentais: que homem educar? Para viver em que tipo de sociedade? A busca do sentido da educação é também compromisso da educação a distância, EaD, que, embora apresente certas especificidades de ordem teórica e profissional, objetiva, essencialmente, promover a educação entendida enquanto formação humana. A reflexão que se pretenda desenvolver a respeito da EaD requer considerações preliminares sobre o papel que desempenha na construção coletiva da educação que o momento histórico está a exigir.

A educação a distância, vem se desenvolvendo em ritmo crescente na maioria dos países do mundo e a medida em que progride, os seus contornos vão se desenhando de acordo com a multiplicidade de propósitos que assume na sua trajetória, modificando-se continuamente em função das demandas sociais e da incorporação das novas tecnologias, com repercussões de ordem qualitativa da maior relevância.

Autores de alentado estudo realizado sob a coordenação de Trindade (apud PEREIRA, 2002) retratam o desenvolvimento recente da educação a distância, apresentando um mapeamento das diferentes áreas de sua atuação. Conforme os autores mostram, as ofertas educacionais em EaD caracterizam uma concepção de educação ao longo da vida, que não se limita à formação inicial e continuada, em nível de escolarização formal, mas também abrange a educação não formal, envolvendo a aprendizagem de diferentes temáticas e problemas atuais ? sempre possíveis de alterações ?, em áreas como as de educação comunitária e cívica e educação para a mudança social, além de questões relacionadas à vida profissional do cidadão. Adentrando-se nesses campos, pode-se perceber a sua complexidade, as transformações que neles ocorrem e, quiçá, prever mudanças que ainda poderão advir.

História da educação a distância:

A Educação a Distância para a maioria dos autores (SARAIVA, 1996; NISKIER, 1999; MOORE, 2007), é muito antiga. A primeira tecnologia que permitiu a EaD foi a escrita. A tecnologia tipográfica, posteriormente, ampliou grandemente o alcance de EaD. Mais recentemente, as tecnologias de comunicação e telecomunicações, especialmente em sua versão digital, ampliaram ainda mais o alcance e as possibilidades de EaD.

Inicialmente na Grécia e, depois, em Roma, existia uma rede de comunicação que permitia o desenvolvimento significativo da correspondência. As cartas que comunicavam informações sobre o cotidiano pessoal e coletivo juntam-se as que transmitiam informações científicas e aquelas que, intencional e deliberadamente, se destinavam à instrução. Esse epistolário greco-romano vai manifestar-se no Cristianismo nascente; atravessando os séculos, adquire especial desenvolvimento nos períodos do Humanismo e do Iluminismo.

Com o aparecimento da tipografia, entretanto, o livro impresso aumentou exponencialmente o alcance da EaD. Especialmente depois do aparecimento dos sistemas postais modernos, rápidos e confiáveis, o livro tornou-se o foco do ensino por correspondência, que deixou de ser epistolar, ou seja, em forma de cartas. Mas o livro, seja manuscrito, seja impresso, representa o segundo estágio da EaD, independentemente de estar envolvido no ensino por correspondência, pois ele pode ser adquirido em livrarias e por meio de outros canais de distribuição. Com o livro impresso temos, portanto, a primeira forma de EaD de massa.

Um primeiro marco da educação a distância foi o anúncio publicado na Gazeta de Boston, no dia 20 de março de 1728, pelo professor de taquigrafia Cauleb Phillips: "Toda pessoa da região, desejosa de aprender esta arte, pode receber em sua casa várias lições semanalmente e ser perfeitamente instruída, como as pessoas que vivem em Boston".

Em 1856, em Berlim, por iniciativa de Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt, é criada a primeira escola de línguas por correspondência. Posteriormente, em 1873, em Boston, Anna Eliot Ticknor funda a Society to Encourage Study at Home. Em 1891, Thomas J. Foster, em Scarnton (Pennsylvania), inicia, com um curso sobre medidas de segurança no trabalho de mineração, o International Correspondence Institute.

Em 1891, a administração da Universidade de Wisconsin aprova proposta apresentada pelos professores de organização de cursos por correspondência nos serviços de extensão universitária. Um ano depois, em 1892, foi criada uma Divisão de Ensino por Correspondência, no Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, por iniciativa do Reitor William R. Harper, que já havia experimentado a utilização da correspondência para preparar docentes de escolas dominicais. Em 1894, 1895, em Oxford, por iniciativa de Joseph W. Knipe que, através de correspondência, preparou seis e depois 30 estudantes para o Certified Teacher's Examination, iniciaram-se os cursos de Wolsey Hall. Em 1898, em Malmoe (Suécia), Hans Hermod, diretor de uma escola que ministrava cursos de línguas e cursos comerciais, publicou o primeiro curso por correspondência, dando início ao famoso Instituto Hermod.

O aperfeiçoamento dos serviços de correio, a agilização dos meios de transporte e, sobretudo, o desenvolvimento tecnológico aplicado ao campo da comunicação e da informação influíram decisivamente nos destinos da educação a distância. O rádio está disponível desde o início da década de 20, quando a KDKA de Pittsburgh, PA, tornou-se a primeira emissora de rádio comercial a operar. O rádio permitiu que o som (em especial a voz humana) fosse levado a localidades remotas. Assim, a parte sonora de uma aula, com o rádio, pode ser transferida para o espaço e o tempo distante.

A televisão comercial está disponível desde o final da década de 40. Ela permitiu que a imagem fosse, junto com o som, levada a localidades também remotas. Assim, agora uma aula quase inteira, englobando todos os seus componentes audiovisuais, pode ser transportada no espaço e no tempo.

O primeiro computador foi revelado ao mundo em 1946, mas foi só depois do surgimento e do uso maciço de microcomputadores (que apareceram no final de 1977) é que os mesmos começaram a serem vistos como tecnologia educacional. A partir de um projeto desenvolvido por militares e cientistas nas universidades americanas na década de 60, foi inventada a comunicação via computadores, base da educação *on line*, cujo desdobramento na educação foi a experiência do WBSI realizada por Feenberg. Essa experiência é citada por HARASIN (2005, p.25) embora MOORE & EARSLEY (2007) a omita.

Apesar dessa controvérsia, esse marco foi o estopim do que alguns autores conceituam como a inflexão da sociedade tecnológica, a terceira revolução industrial, sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade pós-moderna, globalização ou mundialização do capital. Desde então, outras formas de organização do mundo do trabalho estão se desenvolvendo e produzido - ao mesmo tempo e de forma contraditória - abundância e escassez, riqueza e miséria, num cenário de crescente violência, vigilância e controle, sobretudo após os ataques aos EUA em 2001. (MORAES, 2002)

O computador permitiu que o texto fosse enviado com facilidade a localidades remotas ou fosse buscado com facilidade em localidades remotas. O correio eletrônico permitiu que as pessoas se comunicassem assincronamente (sem necessidade da presença no mesmo instante da emissão da mensagem) mas com extrema rapidez. Mais recentemente, o aparecimento de "chats" ou "bate-papos" permitiu a comunicação síncrona entre várias pessoas. E, mais importante, a Web permitiu não só que fosse agilizado o processo de acesso a documentos textuais, mas hoje abrange gráficos, fotografias, sons e vídeo. Não só isso, mas a Web permitiu que o acesso a todo esse material fosse feito de forma não linear e interativa, usando a tecnologia de hipertexto. A convergência de todas essas tecnologias em um só megameio de comunicação, centrado no computador, e, portanto, interativo, permitiu a realização de conferências eletrônicas, envolvendo componentes audiovisuais e textuais.

Sobretudo a partir das décadas de 60 e 70, a teleeducação, embora mantendo os materiais escritos como sua base, passa a incorporar, articulada e integradamente, o áudio e o videocassete, as transmissões de rádio e televisão, o videotexto, o videodisco, o computador e, mais recentemente, a tecnologia de multimeios, que combina textos, sons, imagens, mecanismos de geração de caminhos alternativos de aprendizagem (hipertextos, diferentes linguagens), instrumentos de uma fixação de aprendizagem com *feedback* imediato, programas tutoriais informatizados etc.

A evolução das tecnologias conduz essa modalidade de educação a um novo estágio de desenvolvimento, uma vez que suas ferramentas potencializam a comunicação dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, ampliando a interatividade o compartilhamento de saberes e a construção coletiva do conhecimento.

Venício Lima (2001, p. 28-34) coloca que as tecnologias da comunicação se dividem, quanto à natureza, em velhas e novas. As velhas mídias como a imprensa, cinema, rádio e televisão aberta são as que possibilitam a unidirecionalidade e a massificação. Já as novas mídias, com base na informática e telecomunicações, possibilitam a comunicação de muitos a muitos. A interatividade, no entanto, só é plena dentro dos modelos comunicacionais da cultura e do diálogo, pois nos outros modelos (manipulação, persuasão, função, informação, linguagem, mercadoria) ocorre um discurso monológico e não interativo.

Considerações finais

Concebe-se a educação como formadora do ser humano, para além da perspectiva de capacitação de recursos humanos, de modo a que contemple não apenas soluções para atender as atuais necessidades materiais da população, mas que contribua para a emancipação humana como um dos requisitos para o exercício da cidadania. A educação a distância compartilha dessas mesmas finalidades.

A educação a distância rompe com a relação espaço/tempo, que tem caracterizado a escola convencional, e se concretiza por intermédio da comunicação mediada, por intermédio da mídia. Diferentemente de uma situação de aprendizagem presencial, onde a mediação pedagógica é realizada pelo professor em contato direto com os alunos, na modalidade a distância a mídia torna-se uma necessidade absoluta para que se concretize a comunicação educacional.

Os processos de globalização da economia na sociedade contemporânea geram novas demandas por formação inicial e continuada, seja pela ampliação significativa da procura, seja pela diversificação dos campos profissionais, representando um desafio para as instituições educacionais, em particular as de nível superior, que, pelos meios convencionais, não têm condições para atender as atuais exigências de qualificação.

Em vista disso, impõe-se a (re)organização do trabalho docente e dos processos educativos realizados no âmbito do ensino superior, com ênfase nas universidades públicas, mediante a implementação de uma política voltada para a oferta regular de cursos a distância, como propõe a Universidade Aberta do Brasil, UAB, ao lado da oferta de modelos pedagógicos híbridos, envolvendo espaços curriculares mediados pelas tecnologias de informação e comunicação, que assegurem a democratização e a qualidade dessa formação.

Apesar das possibilidades emancipadoras e democratizantes das tecnologias, há sérios riscos a considerar em relação à apropriação desses meios tecnológicos para fins mercantis e propagandísticos, alertados ainda na década de 1980 por Feenberg (2004), que ferem os princípios éticos veiculando cursos massificados, de baixa qualidade, alienantes, impeditivos da formação profissional e cidadã.

Referências bibliográficas:

FEENBERG, Andrew; BARNEY, Darin (Orgs.). *Community in the digital age*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2004. HARASIN, Linda et al. *Redes de Aprendizagem*. São Paulo: SENAC, 2005.

LIMA, Venício A. *Mídia. Teoria e Política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

MOORE, Michael; KEARSLEY, G. *Educação a Distância. Uma visão integrada*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAES, Raquel de A. "Mídia e Educação". In: Pedroso; L.A. , Bertoni, L. M. (Org.). *Indústria Cultural e Educação (reflexões críticas)*. Araraquara: UNESP & J. M., 2002, v. 1, p. 91-102.

NISKIER, Arnaldo. *Educação a Distância. A tecnologia da esperança*. São Paulo: Loyola, 1999.

PEREIRA, Eva W. *Formação de professores a distância: experiências brasileiras*. Universidade Aberta de Portugal (Tese de Doutorado), 2002.

SARAIVA, Terezinha. "Educação a Distância no Brasil: lições da história". *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n. 70, abr/jun 1996, pp. 28-33.

VIANNEY, J. et al. *A Universidade Virtual no Brasil*. Tubarão: Unisul & UNESCO, 2003.

Eva Waisros Pereira**Raquel de Almeida Moraes**

Programa de Pós-Graduação em Educação - UnB" e líderes do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, no DF, HISTEDBR-DF. O HISTEDBR-DF constitui-se num dos Grupos de Estudos do HISTEDBR nacional, com sede na UNICAMP. Página Institucional: <http://www.fe.unb.br/histedbr-df/>